

Em 5 de junho de 1914 escrevera à mãe, em Pretória: “Em torno a mim está-se tudo afastando e desmoronando. [...] Que serei eu daqui a dez anos — de aqui a cinco anos, mesmo? Os meus amigos dizem-me que eu serei um dos maiores poetas contemporâneos... [...] Mas sei eu ao certo o que isso, mesmo que se realize, significa? Sei eu a que isso sabe? Talvez a glória saiba a morte e a inutilidade, e o triunfo cheire a podridão.”<sup>1</sup>

Em dezembro de 1915 D. Maria Madalena tem um derrame cerebral, que a deixa hemiplégica. O desgosto que sofre é profundo. “De há meses para cá”, escreve ele em 26 de abril de 1916 a Sá-Carneiro, “que tenho a pesar sobre mim a gravíssima doença de minha mãe. Ela teve aquilo a que se chama vulgarmente um ‘nisneto apoplético’ e ficou com uma paralisia em todo o lado esquerdo do corpo. Vai melhorando — segundo as cartas que recebo — mas tão lentamente, tão incertamente, que eu nunca posso tirar do meu espírito a pressão fria da incerteza a respeito dela. Já esta angústia, hoje consubstanciada comigo, me apoquento e me desvaira.”<sup>2</sup>

Na mesma carta se diz preocupado também com o amigo, cuja “crise” acompanhou de longe, identificando-se com ele. “Não sei se você avalia bem até que ponto eu sou seu amigo, a que grau eu lhe sou dedicado e afeiçoado. O facto é que a sua grande crise foi uma grande crise minha, e eu senti-a, como já lhe disse, não só pelas suas cartas, como, já de antes, telegraficamente, pela ‘projecção astral’ (como ‘eles’ dizem) do seu sofrimento.”

Sá-Carneiro não irá receber esta carta. Antes de a terminar, Pessoa recebe a notícia de que o amigo, o único ser, além da mãe, que lhe é verdadeiramente querido, se matou em Paris nesse mesmo dia, 26 de abril.

A essas causas de tristeza na vida privada vem juntar-se outra, que tem a ver com a situação de seu país e da Europa. Esse homem, que imaginamos, e não sem razão, perdido em pensamentos, interessa-se por tudo. Ele mantém-se, dia a dia, a par de tudo o que diz respeito à atualidade política, e não hesita em intervir de vez em quando, por cartas aos jornais ou artigos. Nos anos 1914-1915, Portugal ainda não

<sup>1</sup>OPP, II, 192, 193.

<sup>2</sup>OPP, II, 210-211.

entrou no conflito que divide a Europa. Pessoa vive-o de longe como a uma guerra civil. Tem consciência de ser, ao mesmo tempo que português, europeu.

Sente-se duplamente de mais, num país em que a classe dirigente, as elites e o povo são na maioria partidários de intervir ao lado dos tradicionais aliados de Portugal contra a Alemanha, considerada a inimiga das nações latinas: ele opõe-se tanto à entrada na guerra como à aliança com a Inglaterra e a França. No final de 1914 um incidente, relatado na imprensa, dá-lhe a oportunidade de escrever um panfleto, que, a conselho de Sá-Carneiro, desiste de publicar. Embora não tenha sido declarada a guerra entre a Alemanha e Portugal, há por vezes escaramuças na África, nas quais se enfrentam patrulhas dos dois países. Um certo Francisco Aragão, capitão valente, foi feito prisioneiro pelos alemães e em seguida libertado. De volta, é acolhido triunfalmente, primeiro na Madeira, depois em Lisboa. Das duas vezes, aclamado pela multidão, grita: “Viva a República! Viva a Guerra!” O texto que essa atitude inspira a Pessoa, e que por certo teria atribuído a Campos, é escrito em estilo que faz lembrar o do francês Pierre Dac. Intitula-se *Carta a um Herói Estúpido*.

“Li, sem entusiasmo e sem pasmo, o relato das tristes palavras que Vossa Heroicidade pronunciou no Funchal, a propósito de questões políticas, onde se mostrou, mais uma inútil vez, que a coragem física não é, em geral, acompanhada de uma grande lucidez intelectual. Permitiu-se Vossa Heroicidade, fresca ainda do cativo e mais fresca ainda dos aplausos de quantos pobres diabos a ilha da Madeira pôde reunir, fazer considerações, que só a um sociólogo competia ousar [...]. Quem lhe meteu na cabeça, ó desgraçado varredor de feiras africanas, que a habilidade para as arremetidas violentas facilitava com certeza a competência sociológica? Quem lhe insinuou, desgraçado, que o facto de ter feito frente ousada a umas tropas germânicas lhe concedia jus de opinião política?...”

A convicção de que a entrada de Portugal na guerra era um erro vai reforçar-se-lhe cada vez mais ao longo desses anos. Trabalhou num projeto de livro, *A Guerra Alemã*, que nunca terminou, mas de que nos restam umas dezenas de páginas de rascunho. Em 10 de julho de 1915 o escritor e político João de Barros (1881-1960) lança no jor-